



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIREITO

## ***Captura Críptica:*** **direito, política, atualidade**

---

Revista Discente do Curso de Pós-Graduação em Direito  
da Universidade Federal de Santa Catarina

*Captura Críptica: direito, política, atualidade.*  
Revista Discente do CPGD/UFSC  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)  
Centro de Ciências Jurídicas (CCJ)  
Curso de Pós-Graduação em Direito (CPGD)  
Campus Universitário Trindade  
CEP: 88040-900. Caixa Postal n. 476.  
Florianópolis, Santa Catarina – Brasil.

# ***Expediente***

---

## **Conselho Científico**

Prof. Dr. Jesús Antonio de la Torre Rangel (Universidad de Aguascalientes - México)  
Prof. Dr. Edgar Ardila Amaya (Universidad Nacional de Colombia)  
Prof. Dr. Antonio Carlos Wolkmer (UFSC)  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Jeanine Nicolazzi Phillippi (UFSC)  
Prof. Dr. José Antônio Peres Gediel (UFPR)  
Prof. Dr. José Roberto Vieira (UFPR)  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Deisy de Freitas Lima Ventura (IRI-USP)  
Prof. Dr. José Carlos Moreira da Silva Filho (UNISINOS)

## **Conselho Editorial**

*Ademar Pozzatti Júnior (CPGD-UFSC)*  
*Carla Andrade Maricato (CPGD-UFSC)*  
*Danilo dos Santos Almeida (CPGD-UFSC)*  
*Felipe Heringer Roxo da Motta (CPGD-UFSC)*  
*Francisco Pizzette Nunes (CPGD-UFSC)*  
*Leilane Serratine Grubba (CPGD-UFSC)*  
*Liliam Litsuko Huzioka (CPGD/UFSC)*  
*Luana Renostro Heinen (CPGD-UFSC)*  
*Lucas Machado Fagundes (CPGD-UFSC)*  
*Marcia Cristina Puydinger De Fázio (CPGD-UFSC)*  
*Matheus Almeida Caetano (CPGD-UFSC)*  
*Moisés Alves Soares (CPGD-UFSC)*  
*Renata Rodrigues Ramos (CPGD-UFSC)*  
*Ricardo Miranda da Rosa (CPGD-UFSC)*  
*Ricardo Prestes Pazello (CPGD-UFSC)*  
*Vinícius Fialho Reis (CPGD-UFSC)*  
*Vivian Caroline Koerbel Dombrowski (CPGD-UFSC)*

Captura Crítica: direito política, atualidade. Revista Discente do Curso de Pós-Graduação em Direito. – n.2., v.2. (jan/jun. 2010) – Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2010 –

Periodicidade Semestral

ISSN (Digital) 1984-6096

ISSN (Impresso) 2177-3432

1. Ciências Humanas – Periódicos. 2. Direito – Periódicos. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências Jurídicas. Curso de Pós-Graduação em Direito.

---

*A dura história, a história dita dura (ou Os bons meninos de hoje eram os rebeldes da outra estação)\**

---

*Ricardo Prestes Pazello\*\****1) A nada branda história da ditadura militar de 1964 a 1985 no Brasil**

Muitas vezes nós não refletimos sobre nossos atos, comportamentos e atitudes. Aliás, a maioria das vezes não o fazemos. Pensar sobre como agimos diante das situações é importantíssimo para que consigamos entender a nós mesmos, nossos familiares, amigos e todos que estão em nosso entorno. No entanto, não podemos pensar apenas em uma perspectiva individual, pois vivemos em sociedade e a história da sociedade também é parte de nossa história. Somos nós que fazemos a história, por mais que isso possa parecer estranho.

Nossa história, em uma dimensão que abarque nossa sociedade, pode ser mal contada da mesma forma como nossa história individualmente considerada. Se nós não contamos nossa própria história, quem a contar por nós pode distorcê-la ou falseá-la. Da mesma forma, a história de nossa sociedade.

---

\* Este texto é fruto de um projeto inacabado que realizei quando mestrando em direito na UFSC. Participando de algumas reuniões no Núcleo de Educação Intercultural e Movimentos Sociais – MOVER, a convite de Luiz Antônio Ryzewski, chegamos à idéia de que era importante, no ano de 2009, rememorar os 45 anos do golpe militar de 1964 por meio de intervenção lúdica e divulgação entre os estudantes de ensinos médio e fundamental. Por isso, o texto que ora trago a público é, ao mesmo tempo, o roteiro para uma apresentação musical e uma cartilha para estudantes, com linguagem acessível e exemplos históricos com canções do período do regime militar brasileiro. Foi construído, ainda, no calor dos comentários, de 17 de fevereiro de 2009, do jornal “Folha de São Paulo” a referido regime, cunhando para ele a expressão “ditabranda”, em comparação com os regimes militares argentino e chileno. Torno público este documento para que possa ser usado por assessores universitários e populares em geral em suas atividades de educação popular.

\*\* Mestre em Filosofia e Teoria do Direito pelo Curso de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Santa Catarina (CPGD/UFSC) e professor universitário. Correl: ricardo2p@yahoo.com.br

Propomos, aqui, para confirmar essas idéias, refletir sobre a história de nossa sociedade, o Brasil, no longínquo ano de 1964. Trata-se do tempo em que os militares brasileiros, por meio da força, tomaram o poder instituído e passaram a governar conforme seu gosto particular o nosso país. Duas versões dessa história, no mínimo, podem ser consideradas. Há a versão daqueles que se opuseram ao golpe militar de 1964, por ser uma forma de governar ilegítima, baseada nas armas do exército e poder do dinheiro dos mais ricos. Outra versão diz que, na verdade, o que ocorreu foi uma revolução conduzida pelos militares para salvaguardar a moral e os bons costumes do povo brasileiro. Para os primeiros, o golpe se deu no dia 1º de abril, dia da mentira. Para os segundos, uma noite antes, na madrugada de 31 de abril.

Neste texto, leitor, a versão da história a ser seguida será a primeira. Consideremos bem: o Brasil é palco de muita desigualdade social, fome, miséria e violência. E esta situação não é de hoje. Engana-se quem acha que antigamente é que era bom. Ontem, como hoje, todos esses problemas existiam. E todos sabemos que é difícil resolvê-los, mas também não é errado pensar que isso pode ser transformado. Dessa forma, como pode alguém querer conservar essa realidade?

No início da década de 1960, esboçou-se, no Brasil, uma tentativa de mudar a situação de desigualdade que existia. O golpe militar de 1964 veio, justamente, na contramão dessa tentativa. Queria manter as coisas como estavam, pois elas beneficiavam alguém (como ainda hoje beneficiam). Havia, portanto, um poder constituído, ainda que nem um pouco perfeito, mas que gozava de certa legitimidade entre os trabalhadores e o povo brasileiro. O golpe militar derrubou esta conjuntura.

A partir de então, foram suprimidos os direitos políticos e civis dos cidadãos do país, impedindo-se que votassem para presidente da república e outros cargos, que se reunissem sem autorização, que se expressassem conforme sua vontade, por meio de canções populares, peças de teatro ou filmes e programas de televisão. Enfim, que tivessem respeitada sua dignidade humana. Além disso, a miséria, a fome e a violência da desigualdade social só aumentaram.

Hoje, há quem diga que a ditadura ocorrida no Brasil, de 1964 a 1985, foi uma *ditabranda*, afinal nem foram tantas pessoas assim que morreram e foram

lesadas. Como se fosse possível medir dessa maneira vinte anos de opressão dentro da história de um país.

Cinco presidentes militares tiveram em suas mãos um poder absurdamente grande durante esse período, começando pelo marechal Castelo Branco. Os agentes da repressão, subordinados a esse sistema, mandavam prender, interrogar sem advogado, torturar e até matar pessoas que eram consideradas subversivas e maléficas para a manutenção da ordem. Ocorre que essas pessoas, muitas vezes, queriam transformar a situação do país, lutar contra a ordem desigual.

Em 1968, veio à tona um documento elaborado pelos militares, liderados já pelo marechal Costa e Silva, com força de lei que decretava o fim de todas as liberdades e garantias dos brasileiros que ainda restavam até então – era o Ato Institucional nº 5 ou AI-5. Foi por conta dele que muitas pessoas famosas, hoje, tiveram de sair, fugidas, do país (por exemplo, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Chico Buarque, Vinícius de Moraes e Geraldo Vandré).

Para esconder essa atitude da grande massa da população nacional, os militares procuraram disseminar a idéia de que o Brasil se desenvolveria economicamente com base em grandes obras, com ajuda de grandes empréstimos internacionais. Isso ficou conhecido como o “milagre econômico brasileiro”, que de milagre não tinha nada, pois mergulhava o país em uma dívida externa assustadora e fazia uso de mão-de-obra muito barata para as grandes obras. O milagre econômico, pois bem, escondia uma duríssima repressão, a qual chegou a seu ápice nos anos de chumbo do governo do marechal Garrastazu Médici, momento histórico em que muitos brasileiros politicamente de esquerda montaram uma resistência armada e defenderam a sua dignidade em várias guerrilhas urbanas e rurais.

A ditadura militar, porém, não servia só para manter a ordem interna, conforme as elites queriam. Também dizia respeito a um arranjo de forças internacional, em que os Estados Unidos da América Anglo-Saxã queriam perpetuar seu domínio sobre os países da América Latina, neutralizando a influência comunista da União Soviética, que já tinha conseguido se instalar em Cuba, desde 1959.

Era uma ditadura, portanto, com dois lados: um interno ou nacional; e outro externo ou internacional.

Conforme, contudo, as concepções acerca de como conduzir a ditadura, foram mudando as condições, foi havendo possibilidade de abertura para que ela acabasse. No governo do general Ernesto Geisel, inicia-se a abertura lenta e gradativa. Isto viria a dar no processo político de anistia de mulheres e homens expulsos do Brasil desde 1964. Muitas lideranças políticas contestadoras, dos mais diversos matizes de pensamento, conseguiram retornar. Até que em 1985, o último ditador, general João Figueiredo, passa o comando do país a um civil depois de mais de vinte anos sem participação democrática no poder.

Os que discordam dessa forma de interpretar nossa história, os poucos que se beneficiaram com a ditadura, diriam que foi uma violência necessária, para que a paz nacional reinasse tranqüila. Mas que paz é esta que custou o sangue de brasileiros e a exclusão do povo da decisão de seu próprio destino?

Hoje, 45 anos depois do golpe militar de 1964, todos nós devemos refletir sobre nossa história, assim como sobre nossas ações individuais. Elas estão ligadas. Se nós não pensarmos sobre a história de nossa própria sociedade, como poderemos mudar nossa realidade atual, tanto no nível individual como no nível coletivo? Assim, fica o convite para que todos pensemos e escrevamos nossa própria história, pois se deixarmos para os poucos de sempre fazê-lo, certamente será uma história muito mal contada.

## **2) As músicas comentam a dita dura história**

Talvez a história do medievo latino-americano se inicie na década de 1950. Se, por um lado, é a partir do golpe de 1964, no Brasil, que se torna descarado o projeto imperialista para o continente, a década anterior é que havia preparado esse terreno. Os reformismos pululavam na América Latina e com eles a pressão política e econômica dos países centrais do capitalismo ocidental. Exemplar é a derrubada do governo Arbenz na Guatemala, à qual assistiu Che Guevara, motivo que o levaria ao exílio no México e lá encontraria os exilados cubanos liderados por Fidel Castro. Esta casualidade histórica – não tão coincidência assim – daria ensejo ao estopim da implantação dos regimes militares entre nós. A revolução cubana era um perigo muito grande para a superpotência estadunidense, uma vez que poderia servir de exemplo a todos os miseráveis países do continente. No Brasil, após ameaças de reformas de base

pelo governo Jango, as classes dominantes se horripilariam e, com apoio ianque, dariam o golpe militar, com a desculpa de que o país passava por uma desordem extrema e precisava ser dirigido temporariamente com mãos de ferro. Assim é que em 1º de abril de 1964 a mentira se torna a lei e os militares empossam o marechal Castelo Branco, do grupo da Sorbona, como presidente nacional. Às vésperas do golpe, dois ícones da bossa-nova vaticinam os anos vindouros em uma despreziosa marcha de fim de carnaval:

*Marcha da quarta-feira de cinzas (Carlos Lira/Vinicius de Moraes)*

*Acabou nosso carnaval  
Ninguém ouve cantar canções  
Ninguém passa mais brincando feliz  
E nos corações  
Saudades e cinzas foi o que restou*

*Pelas ruas o que se vê  
É uma gente que nem se vê  
Que nem se sorri, se beija e se abraça  
E sai caminhando  
Dançando e cantando cantigas de amor*

*E no entanto é preciso cantar  
Mais que nunca é preciso cantar  
É preciso cantar e alegrar a cidade*

*A tristeza que a gente tem  
Qualquer dia vai se acabar  
Todos vão sorrir, voltou a esperança  
É o povo que dança  
Contente da vida, feliz a cantar*

*Porque são tantas coisas azuis  
E há tão grandes promessas de luz  
Tanto amor para amar  
De que agente nem sabe*

*Quem me dera viver pra ver  
E brincar outros carnavais  
Com a beleza dos velhos carnavais  
Que marchas tão lindas  
E o povo cantando seu canto de paz*

De 1964 a 1968, os primeiros anos do golpe, o Brasil viveria um regime político de exceção, ainda que houvesse resquícios de respeito à legalidade. Uma constituição seria outorgada, em 1967, e o congresso se manteria em relativo funcionamento. Também as artes não seriam muito visadas, o que não quer dizer que a situação não preocupasse a intelectualidade de esquerda brasileira. Eram tempos de efervescência cultural, universitária e artística. Eram tempos dos grandes festivais da canção, do ascenso da televisão sobre o rádio e de radicalizações estéticas. O tropicalismo reencontra um passado rebelde e retrata uma época de insubmissão e preocupação. Tudo era lindo, mas era preciso estar atento para tudo:

*Divino maravilhoso (Caetano Veloso/Gilberto Gil)*

*Atenção ao dobrar uma esquina  
Uma alegria, atenção menina  
Você vem, quantos anos você tem?  
Atenção, precisa ter olhos firmes  
Pra este sol, para esta escuridão*

*Atenção  
Tudo é perigoso  
Tudo é divino maravilhoso  
Atenção para o refrão*

*É preciso estar atento e forte  
Não temos tempo de temer a morte*

*Atenção para a estrofe e pro refrão  
Pro palavrão, para a palavra de ordem  
Atenção para o samba exaltação*

*Atenção*

*Tudo é perigoso  
Tudo é divino maravilhoso  
Atenção para o refrão*

*É preciso estar atento e forte  
Não temos tempo de temer a morte*

*Atenção para as janelas no alto  
Atenção ao pisar o asfalto, o mangue  
Atenção para o sangue sobre o chão*

*Atenção  
Tudo é perigoso  
Tudo é divino maravilhoso  
Atenção para o refrão*

*É preciso estar atento e forte  
Não temos tempo de temer a morte*

Em 28 de março de 1968, é assassinado pela repressão o estudante Édson Luís, no restaurante estudantil carioca “Calabouço”. O momento era o de organização das vanguardas milicianas revolucionárias no campo e na cidade, dos grupos antitadadura, inclusive a igreja, com suas passeatas pela redemocratização e contra a violência, mas também dos altos setores militares. O já então presidente Costa Silva, no mesmo 1968, prepara o golpe dentro do golpe, e decreta o Ato Institucional nº 5, em 13 de dezembro, momento que instaura os anos de chumbo e a diáspora tupiniquim, com exílios, prisões, mortes e desaparecimentos. Para representar este momento de nossa história, a canção de Sérgio Ricardo, rememorando o episódio do “Calabouço”:

*Calabouço (Sérgio Ricardo)*

*Olho aberto ouvido atento  
E a cabeça no lugar  
Cala a boca moço, cala a boca moço  
Do canto da boca escorre  
Metade do meu cantar  
Cala a boca moço, cala a boca moço  
Eis o lixo do meu canto  
Que é permitido escutar*

*Cala a boca moço. Fala!  
Olha o vazio nas almas  
Olha um violeiro de alma vazia  
Cerradas portas do mundo  
Cala a boca moço  
E decepada a canção*



*E decepada a canção  
Cala a boca moço  
Metade com sete chaves  
Cala a boca moço  
Nas grades do meu porão  
Cala a boca moço  
A outra se gangrenando  
Cala a boca moço  
Na chaga do meu refrão  
Cala a boca moço  
Cala o peito, cala o beijo  
Calabouço, calabouço*

*Olha o vazio nas almas  
Olha um violeiro de alma vazia*

*Mulata mula mulambo  
Milícia morte e mourão  
Cala a boca moço, cala a boca moço  
Onde amarro a meia espera  
Cercada de assombração  
Cala a boca moço, cala a boca moço  
Seu meio corpo apoiado  
Na muleta da canção  
Cala a boca moço. Fala!*

*Olha o vazio nas almas  
Olha um violeiro de alma vazia*

*Meia dor, meia alegria  
Cala a boca moço  
Nem rosa nem flor, botão  
Cala a boca moço  
Meio pavor, meia euforia  
Cala a boca moço  
Meia cama, meio caixão  
Cala a boca moço  
Da cana caiana eu canto*

*Cala a boca moço  
Só o bagaço da canção  
Cala a boca moço  
Cala o peito, cala o beijo  
Calabouço, calabouço*

*Olha o vazio nas almas  
Olha um violeiro de alma vazia As  
paredes de um inseto  
Me vestem como a um cabide  
Cala a boca moço, cala a boca moço  
E na lama de seu corpo  
Vou por onde ele decide  
Cala a boca moço, cala a boca moço  
Metade se esverdeando  
No limbo do meu revide  
Cala o boca moço. Fala!*

*Olha o vazio nas almas  
Olha um violeiro de alma vazia*

*Quem canta traz um motivo  
Cala a boca moço  
Que se explica no cantar  
Cala a boca moço  
Meu canto é filho de Aquiles  
Cala a boca moço  
Também tem seu calcanhar  
Cala a boca moço  
Por isso o verso é a bÍlis  
Cala a boca moço  
Do que eu queria explicar  
Cala a boca moço  
Cala o peito, cala o beijo  
Calabouço, calabouço*

*Olha o vazio nas almas  
Olha um brasileiro de alma vazia.*

Por sua vez, os anos de chumbo trazem consigo o novo presidente, Médici, e uma política econômica que ficou conhecida como o “milagre brasileiro”. Sob a batuta do ministro Delfim Neto, os militares buscam apoio

popular a partir de obras faraônicas e endividamento externo, sem deixar de fazer sua propaganda na mídia ascendente de então. Aquecendo a economia, o governo poderia se manter altamente repressivo contra as forças subversivas que se dizimavam na luta armada. Um estado de euforia, a conquista da copa do mundo de 1970, um apelo a um nacionalismo ingênuo e a economia milagrosamente em alta teriam seu retrato perfeito na canção de Tom Zé:

*Parque industrial (Tom Zé)*

*Retocai o céu de anil, bandeirolas no cordão  
Grande festa em toda a nação.  
Despertai com orações o avanço industrial  
Vem trazer nossa redenção.*

*Tem garotas-propaganda  
Aeromoças e ternura no cartaz,  
Basta olhar na parede,  
Minha alegria  
Num instante se refaz  
Pois temos o sorriso engarrafado  
Já vem pronto e tabelado*

*É somente requeentar e usar,  
É somente requeentar e usar,  
Porque é made, made, made, made in Brazil*

*A revista moralista  
Traz uma lista dos pecados da vedete  
E tem jornal popular que  
Nunca se espreme porque pode derramar.  
É um banco de sangue encadernado  
Já vem pronto e tabelado,  
É somente folhear e usar  
Porque é made, made, made, made in Brazil*

Contudo, os anos de chumbo do governo Médici seriam sentidos muito mais por sua violência que por seu aparente sucesso econômico. Um projeto de nação teria de se exilar com as mentes que o defendiam. “Brasil: ame-o ou deixe-o” era o bordão da ditadura, quando na verdade queria dizer: “ame-o ou fique nele”. Por isso, o resgate da canção do exílio do romantismo oitocentista, expressando-se no momento da partida e no momento do dar-se conta de que se está longe. Para o primeiro momento, escolhemos a supercensurada música dos Geraldos Azevedo e Vandré (perseguido político e exilado):

*Canção da despedida (Geraldo Azevedo/Geraldo Vandré)*

*Já vou embora, mas sei que vou voltar  
Amor não chora, se eu volto é pra ficar  
Amor não chora, que a hora é de deixar  
O amor de agora, pra sempre ele ficar  
Eu quis ficar aqui, mas não podia  
O meu caminho a ti, não conduzia  
Um rei mal coroado,  
Não queria  
O amor em seu reinado*

*Pois sabia  
Não ia ser amado  
Amor não chora, eu volto um dia  
O rei velho e cansado já morria  
Perdido em seu reinado  
Sem Maria  
Quando eu me despedia  
No meu canto lhe dizia*

Nova versão da canção do exílio se daria por Taiguara, no meado da década de 1970. Em seu disco “Imyra Tayra Ipy”, ele radicaliza na experimentação e na denúncia do estado de coisas, bem como aprofunda sua compreensão sobre o ser latino-americano. O disco seria peremptoriamente proibido, alijando nosso povo de um dos documentos mais expressivos de nossa cultura. Vejamos a versão da canção do exílio no momento do dar-se conta de que se está exilado:

*Terra das palmeiras (Taiguara)*

*Sonhada terra das palmeiras  
Onde andará teu sabiá?  
Terá ferido alguma asa?  
Terá parado de cantar?*

*Ah! Minha amada amordaçada  
De amor forçado a se calar  
Meu peito guarda o sangue em pranto  
Que ainda por ti vou derramar.*

*Sonhada terra das palmeiras  
Como me dói meu coração  
Como me mata o teu silêncio  
Como estás só na escuridão*

*Ah! minha amada amortilhada  
Das mãos do mal vou te tirar  
P'ra dançar danças de outras terras  
E em outras línguas te acorda*

No entanto, estava sendo gestada a resistência no interior do país, nos seus bolsões de pobreza rurbanos. A década de 1970 decepou a possibilidade de o povo se expressar, quanto mais de tomar as rédeas de seu próprio destino. Mas não faltariam tentativas de se burlar esta triste penitência. Em uma música do final da década de 1960, podemos enxergar esses vestígios, a partir de pistas

que apontavam para a religiosidade popular e que se extremariam nas comunidades eclesiais de base:

*Aleluia (Edu Lobo/Ruy Guerra)*

*Barco deitado na areia, não dá pra viver  
Não dá...  
Lua bonita sozinha não faz o amor  
Não faz...*

*Toma a decisão, aleluia  
Que um dia o céu vai mudar  
Quem viveu a vida da gente  
Tem de se arriscar*

*Amanhã é teu dia  
Amanhã é teu mar, teu mar  
E se o vento da terra que traz teu amor, já vem*

*Toma a decisão, aleluia  
Lança o teu saveiro no mar  
Bê-a-bá de pesca é coragem  
Ganha o teu lugar*

*Mesmo com a morte esperando  
Eu me largo pro mar, eu vou  
Tudo o que eu sei é viver  
E vivendo é que eu vou morrer*

*Toma a decisão, aleluia  
Lança o teu saveiro no mar  
Quem não tem mais nada a perder  
Só vai poder ganhar*

Demoraria, mas o proletariado urbano começaria a se organizar, conseqüência indesejada da industrialização do país, acelerada com o milagre econômico. O meado final da década de 1970 veria o governo Geisel falando de abertura lenta e gradual e teria de conviver com as mobilizações do ABC paulista e seus líderes sindicais. Podemos ver isso na metáfora do cachorro Populus, o cão “Povo”, na música de 1977 de Belchior:

*Populus (Belchior)*

*Populus, meu cão...  
O escravo, indiferente, que trabalha  
e, por presente, tem migalhas sobre o chão.  
Populus, Populus, Populus, meu cão.  
Populus, meu cão.  
Populus, meu cão.*

*Primeiro, foi seu pai,  
segundo, seu irmão;  
terceiro, agora, é ele... agora é ele, agora é  
ele,  
de geração, em geração, em geração.*

*No congresso do medo internacional  
ouvi o segredo do enredo final  
sobre Populus, meu cão,  
sobre Populus, meu cão:  
documento oficial, em  
testamento especial,  
sobre a morte, sem razão  
de Populus, meu cão*

*Populus, de Populus, de Populus.*

*Populus, Populus, Populus, meu cão.  
Populus, Populus, Populus, meu cão.  
Delírios sanguíneos  
espumas nos teus lábios...  
Tudo em vão.*

*Tenho medo de Populus, meu cão,  
roto no esgoto do porão,  
de Populus, de Populus, de Populus, meu cão.  
Seu olhar de quase gente,  
as fileiras dos seus dentes...  
Trago o rosto marcado  
e eles me conhecerão,  
Conhecerão, conhecerão, conhecerão.*

*Populus, Populus, Populus, meu cão  
Populus, Populus, Populus, meu cão  
Populus, Populus, Populus, meu cão*

Ao menor sinal de abertura, promessa vã, a intelectualidade brasileira pede o fim da opressão e a oportunidade para traçar seu próprio destino. Quer alcançar o sol como Ícaro, sem saber que suas asas podem derreter. Mas a festa para quem não pode fazê-la é tamanha que se começa a ter esperança, a se reivindicar direitos, a se organizar movimentos de bairro, contra carestia, do campo, além de pedir o fim do AI-5.

*Filhos de Ícaro (Zé Ramalho)*

*Desamarrem os laços  
Façam coisas pela liberdade  
Digam versos pela resistência  
Pelos caminhos das aventuras  
As alturas merecem todas as asas  
Homens de plumas  
Antes do sol derreter as unhas desse teu  
pássaro  
Pulem os muros  
Fogos e clarões na cidade  
Anunciando que o sonho não morreu*

*E em janelas a gente reclamando  
Essa prisão que de fato não morreu  
Entre todas janelas  
Há grades e terror  
Momentos de oração  
Há gargalhadas na boca da donzela  
Há gritos e temor  
Momentos que passeiam no passado  
Há mais amigos na porta dos fundos  
A esperar, a esperar  
As pedras bonitas*

O pesadelo, todavia, continua. Por isso que uma canção da virada da década de 1960 para a de 1970 permaneceria atual dez anos depois, na voz do MPB-4. Comprovam-no o atentado no Rio-Centro, a manutenção dos prefeitos biônicos e os projetos de usinas nucleares, como efetivação da economia de dependência, que faz dos países periféricos repositório de velhas tecnologias. Em termos musicais, continua a censura e a briga de gato-e-rato dos compositores populares.

*Pesadelo (Maurício Tapajós/Paulo César Pinheiro)*

*Quando o muro separa uma ponte une  
Se a vingança encara o remorso pune  
Você vem me agarra, alguém vem me solta  
Você vai na marra, ela um dia volta  
E se a força é tua ela um dia é nossa  
Olha o muro, olha a ponte, olhe o dia de ontem  
chegando  
Que medo você tem de nós, olha aí  
Você corta um verso, eu escrevo outro  
Você me prende vivo, eu escapo morto*

*De repente olha eu de novo  
Perturbando a paz, exigindo troco  
Vamos por aí eu e meu cachorro  
Olha um verso, olha o outro  
Olha o velho, olha o moço chegando  
Que medo você tem de nós, olha aí  
O muro caiu, olha a ponte  
Da liberdade guardiã  
O braço do Cristo, horizonte  
Abraça o dia de amanhã, olha aí*

Ao final da década de 1970, a abertura política já estava dada, ainda que bastante gradativa. A anistia permitia que antigos nomes banidos do cenário político nacional voltassem. Assim se deu com Luís Carlos Prestes, Miguel

Arraes, Fernando Gabeira e tantos outros. No clássico de João Bosco e Aldir Blanc, há referência à volta de Betinho (irmão do Henfil), ainda que as lágrimas de nossas Marias (ou Clarices, o nome da esposa de Vladimir Herzog) não secassem.

*O bêbado e a equilibrista (João Bosco/Aldir Blanc)*

*Caía a tarde feito um viaduto  
E um bêbado trajando luto  
Me lembrou Carlitos  
A lua, tal qual a dona de um bordel  
Pedia a cada estrela fria  
Um brilho de aluguel*

*E nuvens, lá no mata-borrão do céu  
Chupavam manchas torturadas  
Que sufoco  
Louco, o bêbado com chapéu-coco  
Fazia irreverências mil  
Pra noite do Brasil, meu Brasil*

*Que sonha com a volta do irmão do Henfil*

*Com tanta gente que partiu  
Num rabo de foguete  
Chora a nossa pátria, mãe gentil  
Choram Marias e Clarices  
No solo do Brasil*

*Mas sei que uma dor assim pungente  
Não há de ser inutilmente  
A esperança  
Dança na corda bamba de sombrinha  
E em cada passo dessa linha  
Pode se machucar  
Azar, a esperança equilibrista  
Sabe que o show de todo artista  
Tem que continuar...*

A década de 1980 aponta para um horizonte novo, um novo tempo. João Figueiredo, o presidente da vez, tolera as eleições para governadores e senadores. O congresso volta a ser um possível meio institucional. Cai o bipartidarismo oficial e novos grupos se tornam elegíveis, como o PT, o PDT e o PTB.

*Novo tempo (Ivan Lins/Vítor Martins)*

*No novo tempo, apesar dos castigos  
Estamos crescidos, estamos atentos, estamos  
mais vivos*

*Pra nos socorrer, pra nos socorrer, pra nos  
socorrer*

*No novo tempo, apesar dos perigos  
Da força mais bruta, da noite que assusta,  
estamos na luta*

*Pra sobreviver, pra sobreviver, pra sobreviver  
Pra que nossa esperança seja mais que a  
vingança*

*Seja sempre um caminho que se deixa de  
herança*

*No novo tempo, apesar dos castigos  
De toda fadiga, de toda injustiça, estamos na  
briga*

*Pra nos socorrer, pra nos socorrer, pra nos  
socorrer*

*No novo tempo, apesar dos perigos  
De todos os pecados, de todos enganos,  
estamos marcados*

*Pra sobreviver, pra sobreviver, pra sobreviver*

*No novo tempo, apesar dos castigos  
Estamos em cena, estamos nas ruas,  
quebrando as algemas*

*Pra nos socorrer, pra nos socorrer, pra nos  
socorrer*

*No novo tempo, apesar dos perigos  
A gente se encontra cantando na praça,  
fazendo pirraça*

*Pra sobreviver, pra sobreviver, pra sobreviver*

A abertura, porém, não vem desarmada. Se já não é seu legado o arsenal bélico dos militares, o seu novo trunfo é o novo regime econômico. O neoliberalismo se propõe hegemônico nos Estados Unidos da América Anglo-Saxã e na Inglaterra e é usado no laboratório latino-americano de políticas importadas, o Chile de Pinochet. Por isso que a música de Gonzaguinha do início dos 1970 (Gonzaguinha, ao lado de Taiguara, Sérgio Ricardo e Chico Buarque, seria dos compositores mais censurados daquele período) pode ser resgatada como retrato que permaneceria, o grande fruto deixado para a posteridade pelos cinco marechais, um comportamento geral de apatia e conformismo.



*Comportamento geral (Gonzaguinha)*

*Você deve notar que não tem mais tutu  
e dizer que não está preocupado.  
Você deve lutar pela xepa da feira  
e dizer que está recompensado.  
Você deve estampar sempre um ar de alegria  
e dizer: tudo tem melhorado.  
Você deve rezar pelo bem do patrão  
E esquecer que está desempregado.*

*Você merece, você merece.  
Tudo vai bem, tudo legal.  
Cerveja, samba, e amanhã seu Zé  
Se acabarem com o teu carnaval*

*Você deve aprender a baixar a cabeça  
e dizer sempre: muito obrigado.*

*São palavras que ainda te deixam dizer  
Por ser homem bem disciplinado.  
Deve pois só fazer pelo bem da Nação  
Tudo aquilo que for ordenado.  
Pra ganhar um fuscão no juízo final  
E diploma de bem comportado*

*Você merece, você merece.  
Tudo vai bem, tudo legal.  
Cerveja, Samba, e amanhã seu Zé  
Se acabarem com o teu carnaval*

*Você merece, você merece.  
Tudo vai bem, tudo legal.  
Cerveja, samba, e amanhã seu Zé  
Se acabarem com o teu carnaval*

Mas mesmo do asfalto nasce a flor. Acabava um tempo de angústias e violências. E o período que começou com uma triste marcha de uma quarta-feira de cinzas termina com um samba-enredo que comemora o fim da ditadura. Pelas tabelas, o povo pediria eleições diretas e uma nova constituição. Ainda que com muitas contradições, a constituição sairia e as eleições se dariam apenas em 1989. Mas, enfim, passou...

*Vai passar (Francis Hime/Chico Buarque)*

*Vai passar  
Nessa avenida um samba popular  
Cada paralelepípedo da velha cidade  
Essa noite vai  
Se arrepiar  
Ao lembrar  
Que aqui passaram sambas imortais  
Que aqui sangraram pelos nossos pés  
Que aqui sambaram nossos ancestrais*

*Num tempo  
Página infeliz da nossa história  
Passagem desbotada na memória  
Das nossas novas gerações  
Dormia  
A nossa pátria mãe tão distraída  
Sem perceber que era subtraída  
Em tenebrosas transações*

*Seus filhos  
Erravam cegos pelo continente  
Levavam pedras feito penitentes*

*Erguendo estranhas catedrais  
E um dia, afinal  
Tinham direito a uma alegria fugaz  
Uma ofegante epidemia  
Que se chamava carnaval  
O carnaval, o carnaval  
(Vai passar)*

*Palmas pra ala dos barões famintos  
O bloco dos napoleões retintos  
E os pigmeus do bulevar  
Meu Deus, vem olhar  
Vem ver de perto uma cidade a cantar  
A evolução da liberdade  
Até o dia clarear  
Ai, que vida boa, olerê  
Ai, que vida boa, olará  
O estandarte do sanatório geral vai passar  
Ai, que vida boa, olerê  
Ai, que vida boa, olará  
O estandarte do sanatório geral  
Vai passar...*